

# A NOVA FORMA DE PROSTITUIÇÃO EM FORTALEZA: MIGRAÇÃO E OMISSÃO DO ESTADO

Emanuelle Silva\*

Resumo: A pesquisa teórico-empírica realizada na cidade de Fortaleza teve com principal objetivo compreender as formas simbólicas, as quais conduzem à situação de prostituição, sobretudo as formas de legitimação usadas como justificação por parte das jovens prostitutas. Foram realizadas entrevistas semi-direcionadas e observações. O resultado tornar mais visível as relações opacas de dominação e naturalização do novo tipo de relações informais criadas entre um grupo de jovens mulheres pobres e os turistas estrangeiros. Neste artigo focaremos na utilização do próprio corpo de uma maneira totalmente diferente das prostitutas de rua para a ascensão social e fuga do meio precário onde nasceram.

Palavras-chaves: Prostituição. Fortaleza. Mobilidade Social. Migração. Violência Simbólica.

Abstract: The theoretical and empirical research conducted in Fortaleza, had as aim objective understand the symbolic forms, which lead to the situation of prostitution. This research focused especially on those forms of legitimation used as justification by the young prostitutes. Semi-directed interviews and observations were use as method. The results turn visible opaque relations based on domination and naturalization of the new type of relationships created among a group of young poor women and foreign tourists. On this article, we will focus on how the body is used in a totally different way to promote social mobility and escape of the form the very poor areas.

Keywords: Prostitution in Fortaleza, social mobility, migration, symbolic violence.

## INTRODUÇÃO

Diferentes abordagens tendenciosas utilizadas tanto pelo censo comum quanto dentro do meio acadêmico enraízam definições preconceituosas sobre a prostituição, as quais entrecruzam fatores como econômica, obtenção do prazer, problemas psicológicos, saúde pública, drogas, promiscuidade, adolescência, dentre outros, sem um profundo questionamento sobre como essas predisposições são constituídas. Normalmente, essas abordagens são feitas de forma descritiva, deixando de fora certas complexidades herméticas com a violência simbólica (BOURDIEU, 2007) impregnada na vida social prática destas mulheres. A violência simbólica se expressa na imposição legítima e dissimulada, com a interiorização

da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

Nos estudos realizados acerca da prostituição observa-se uma dicotomia no enquadramento: esta com sendo venda de uma mercadoria - o corpo - cuja é geralmente, repudiado pela sociedade do bem; ou como distingue a autora Ana Lopes (2006) a mercadoria na indústria do sexo não é o corpo, e sim os serviços sexuais, visto que o corpo permanece após o pagamento. Em seu livro, as prostitutas são tratadas como profissionais do sexo, prestadoras de serviço como qualquer outro que necessitamos. Nas duas definições a finalidade é tentar minimizar ou melhorar as condições de vida através das práticas sexuais. É exatamente neste ponto que esta investigação se diferencia, pois percebemos uma nova forma de prostituição, que tratamos como prostituição do amor, falaremos mais a diante.

A violência simbólica na prática da prostituição é gerada pela precariedade econômica, pelo endividamento, pela falta de qualificação/oportunidade de trabalho, ou pela dependência química. Estes são alguns exemplos de prisões simbólicas que encarceram muitas mulheres na prostituição. Entretanto, ao invés de se solucionar o problema, a prostituição ao contrário torna-se um fenômeno do tipo bola de neve, a qual se torna cada vez maior, envolvendo e criando um círculo de dependência ainda maior.

O gênero feminino, em si, traz consigo o estigma da pobreza estrutural (SANTOS, 2008), o qual mantém o trabalho precário, muitas vezes, sem regulamentação e sem direitos trabalhistas. As tarefas femininas são mal remuneradas e os homens ganham mais exercendo o mesmo tipo de trabalho que mulher exerce. Ademais, o trabalho feminino, muitas vezes, é duplo, pois elas além de trabalharem fora de casa, ainda têm de realizar os trabalhos domésticos quando retornam do serviço - enfatizando que algumas tarefas continuam a ser entendidas em nossa sociedade com trabalho de mulher.

A sociedade contemporânea edificou e reforçou ao longo do tempo uma ideologia de repulsa e condenação a situação das mulheres que praticavam a venda dos serviços sexuais. Com essa forma de repulsa a sociedade retira de si mesma a responsabilidade de exclusão causada pela desigualdade e por estas mulheres não terem obtido uma melhor posição dentro do meio social. Como argumenta Simmel em *A Filosofia do Amor* (1993), a sociedade que julga e cria o sistema normativo de ética de conduta, dizendo o que é bom e ruim, é simultaneamente a consumidora da indústria do sexo. Simmel ainda argumentou que a prostituição teria dois papéis fundamentais: possibilitar a vida sexual normal aos homens não casados e proteger a castidade das mulheres de bem. Constitui-se assim uma funcionalidade da prostituição em nossa cultura, supostamente de legal aos olhos da sociedade, ou seja, quando esta tem uma temporalidade extremamente ligada ao início da

maturidade sexual masculina, como um rito de passagem para a vida adulta, no qual o pai leva o filho aos bordéis para perder a virgindade e aprender com as profissionais a tornar-se macho, homem de verdade.

O sistema social desigual que cria e alimenta o mal, ainda reproduz a idéia de que o caminho da prostituição é um caminho sem volta. Ou seja, uma vez prostituta é como se perdesse para sempre a dignidade, esgotando toda e qualquer possibilidade de voltar a ser uma mulher sem qualquer estigma da sociedade, ou melhor, a ser uma mulher de bem.

A prostituição envolve questões éticas imbricadas nas consciências e na conduta, as quais criam normas e tabus dentro da sociedade. Ao mesmo tempo que é desprezada e proibida, a prostituição pode ser facilmente encontrada em espaços públicos como ruas, becos, praças até os mais privados. A atividade da prostituição, mesmo aquela que tem um consentimento voluntário por parte da prostituta, deve ser analisada com maior profundidade, para entender as causas intrínsecas frutas, muitas vezes, da miséria e da pobreza em várias dimensões. Esse conjunto de fatores intrínsecos torna a prostituição uma possibilidade de sobrevivência a para essas mulheres e para seu agregado familiar.

A naturalização da necessidade sexual masculina é usada como forma de legitimação da prostituição. Porém, tornar as práticas sexuais algo associado às mulheres sempre foi um tabu, já que, era e é extremamente reforçado o papel da mulher como mãe, dona do lar, pertencente à esfera privada. Este pano de fundo da maternidade justificou e continua a ser usado com forma de validar as diferenças de liberdade sexual entre homem e mulher produzindo contextos sócio-econômicos desigualmente inferiores às mulheres.

Esta pesquisa buscou analisar além dos dados estatísticos sobre a prostituição em Fortaleza, pelo fato destes juntar diferentes elementos sociais em um todo. O que parece um tanto generalista, visto que, não há uma diferenciação entre as formas de prostituição classificada por idade das mulheres, local onde trabalham, grau de liberdade sobre os lucros, sobre si, etc.

Contudo, investigou-se os elementos estruturais estruturantes (BOURDIEU, 1973) inerentes na questão da prostituição, ou seja, as disposições existentes criada ao logo do tempo pelos indivíduos e a capacidade destes de subverter normas vigente da estrutura social. As estruturas são elaboradas de acordo com as práticas individuais, onde as mulheres são submetidas de forma tácita, quando as poucas oportunidades na vida se esgotam, há uma saída, ou na melhor, um beco sem saída: a oferta do corpo. Desta forma, elementos estruturais estruturantes em torno da nova configuração da prostituição na cidade de Fortaleza foram esmiuçados para o profundo entendimento das códigos implícitos os quais perpassam este sistema em forma de dominação. Como por exemplo, o fato das mulheres que exercem essa atividade serem duplamente explorada: uma vez pelo

próprio sistema, no qual as instituições agregadas (família, escola, igreja, sistema de saúde, sistema educacional, etc) de antemão tiram-nas qualquer possibilidade de serem algo diferente, privando as capital cultural, qualificação educacional e emocional para concorrência no mercado de trabalho. Em segundo, têm o corpo explorado pelo consumo dos serviços sexuais que elas oferecem. Desta foram os elementos estruturante violentam estes sujeitos de forma tão invisível que nem eles os percebem.

Paradoxalmente, esse sujeito explorado, marginalizado e cancelado, é também sujeito responsável pela renda total da família, isto é, responsável pelo sustento do agregado familiar que é desestruturado, multi-familiar, onde outros parentes convivem no mesmo espaço. Sendo assim, a oferta do serviço sexual não é um elemento isolado só nas atividades exercidas por essas mulheres, em um complexo operacional ainda muito indigesto que queremos desvendar. A incorporação de poderes simbólicos (BOURDIEU, 2007) está extremamente presente na vida cotidiana da prostituição de maneira tácita estabelecendo sistemas simbólicos onde as estruturas estão oblíquas em um contexto social imperceptíveis num todo.

Quando se pensa em desigualdade logo lembramos: dos desabrigados, dos delinqüentes, dos tóxicos dependentes, mas raramente associa-se essa temática a prostituição. Desta maneira, pensar num processo de inclusão destas mulheres, sem cair num discurso retórico de reabilitação ou de um processo de socialização e purificação é quase impossível. O que não percebemos é que o problema, primordialmente, está no próprio sistema do qual elas são produtos. A sociedade exclui estes indivíduos como se os esquecendo ou os repudiando fosse a solução para o problema, cujo não tem uma escolha pessoal como guia. A prostituta, apesar de socialmente excluída, não constitui um dos alvos privilegiados, nem dos discursos nem dos programas políticos e dos movimentos vocacionados (LIBERATO, 2002).

Conforme José Manuel Pinto (1991) em seu texto sobre a violência e a prostituição, aponta para diferentes tipologias ou distintas formas como a prostituição se apresenta. Ele subdividiu as atividades em as exercidas em locais públicos e as exercidas em locais privados (fechados). Posteriormente, estabeleceu-se o perfil das mulheres pelo lugar aonde elas atuam: a prostituição na rua, bares e bordéis, apartamentos, casas de massagem e agências de acompanhantes diferenciam-se pela clientela que atraem e pelas mulheres que estão disponíveis. O autor considera ainda que a prostituição na rua, parques e outros espaços públicos constitui o tipo mais arriscado, por oferecer riscos significativos sendo geralmente exercido pelas mulheres mais envelhecidas, desgastadas, deformadas e com baixo nível de educação. Quanto mais afastado dessa esfera pública, mais jovem é a prostituta, maior o afastamento dos estratos sociais mais baixos e elevação

do nível educacional destas. Sendo assim, o espaço onde atuam tem relação direta com os atores sociais que os praticam (GIDDENS, 1993).

Contudo, o tema da prostituição vem sendo abordado de forma muito restrita e, na maioria das vezes, excessivamente ligado ao tráfico de mulheres para fins sexuais, deixando de fora os elementos que compõem a complexidade do sistema, isolando o caso da macroestrutura que a envolve. Muitos trabalhos acadêmicos servem somente para reforçar estereótipos, como realizados em Portugal (SANTOS, 2008) com relação às brasileiras e das africanas, como se isso fosse uma característica da personalidade tropical. Ainda disso, em trabalhos sobre a prostituição, realizados por Manita (2002) na caracterização da prostituição de rua em Porto e Matosinhos em Portugal, os quais encaram o problema da prostituição com um comportamento desviante, restringindo o estudo a uma forma mais descritiva da prostituição de rua e traçando um perfil superficial dessas mulheres, deixando de fora fatores externos que caracterizaram e reproduzem esta prática. O fechamento da tipologia sobre a prostituição é sempre o mesmo: o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual ou a busca vazia por inclusão. Estes são com certeza um dos elementos que devem estar presentes no estudo da caracterização dos fatores de vulnerabilidade das mulheres à prostituição, mas não são os únicos.

Conseqüentemente, o que se propõe com o presente estudo é o aprofundado sobre a problemática da prostituição e caracterização das novas mutações desta prática, caracterizando aspectos quotidianos em um conjunto implícitos e explícitos de elementos formadores desta atividade, com o intuito de perceber para além das bases econômicas. O modo como esta atividade será abordada nesse estudo aponta para uma mutação de tudo o que foi descrito anteriormente sobre modelo de prostituição.

A proposta desta pesquisa é estabelecer uma análise teórico-empírica sobre uma nova forma de prostituição realizada na cidade de Fortaleza. Este fenômeno emprega questões locais - desigualdade social, turismo sexual, disposição à prostituição - assim como, questões globais - movimentos migratórios, desigualdade social global dentre outras.

Portanto, a saída desempenhada por essas jovens não é somente um problema migratório no que diz respeito à mudança do espaço geográfico, mas também existem questões econômicas, sociais que as impulsionam a áreas mais desenvolvidas. Dependendo do padrão de desenvolvimento, esta migração pode dirigir-se de uma sociedade para outra, ser interna a uma sociedade, no caso aqui estudado as jovens migram de um país menos desenvolvido, no caso Brasil a um país desenvolvido, um país europeu. Essa saída é sem dúvida uma válvula de escape para essas jovens desprovidas de capital econômico, cultural, onde o Estado não lhes dá nenhuma segurança ou possibilidade de mobilidade social. Deste

modo, a única forma conseguir algum tipo de mobilidade social encontradas por esse grupo de jovens de Fortaleza é o casamento, ou a dependência dos seus namorados.

Entre as múltiplas conseqüências deste tipo de migração encontram-se a perturbação dos padrões residenciais, o choque cultural e a aculturação que elas têm sobre o lugar de destino: a língua, os novos contactos e conflitos étnicos, diferentes tipos de pressão sobre a infra-estrutura, tal como serviços públicos de transportes e educação. Normalmente, o que acontece quando essas jovens chegam ao lugar de acolhimento, é um fechamento delas dentro de um grupo do mesmo tipo, ou seja, brasileiras casadas com estrangeiros, o que dificulta a integração na sociedade de acolhimento. A aprendizagem da língua torna-se algo desvalorizado e muitas não querem aprender. Sem essa ferramenta fundamental que é a língua, a socialização delas na nova sociedade torna-se muito difícil e posteriormente poderá dificultar a integração dos futuros filhos, a *second generation* (PORTES, 1995).

Se observarmos em profundidade o caso desses jovens podemos perceber que se trata de uma problemática também das teorias migratória, visto que o fim, ou melhor, o começo para uma vida nova é a migração para um país mais desenvolvido. E esse movimento numa perspectiva alternativa vivida por elas, traz conseqüências tanto para o país de origem como para o país de acolhimento.

Granovetter (1985) defende uma contextualização dos processos migratórios na qual deve-se abordar as relações entre as perspectivas sociais dos imigrantes e o estudo da vida econômica: esta última não se desenrola apenas num campo de ação racional de indivíduos atomizados, procurando objetivos estritamente econômicos, mas decorre no seio de um campo de relações e estruturas sociais (relações pessoais, contextuais ou históricas concretas). Por isso, é interessante lembrarmos que a atividade exercida por essas jovens, não estão isoladas socialmente, muito pelo contrário, é o próprio sistema que elas vivem que cria a necessidade pela ausência de oportunidades. Essa alternativa de migrarem é uma estratégia que outras jovens pobres do mesmo estado não têm, por viverem no interior por exemplo.

O modelo apresentado por Peixoto (2004) permite unir à sociologia elementos da economia, os quais consistem em cruzar as perspectivas de um futuro e os objetos em múltiplos sentidos: dependência, oportunidade, lucros materiais ou não. Neste sentido, há um maior preenchimento das lacunas explicativas sobre a matriz prostituição. Para esse bom entendimento do processo enunciado, é necessário fazer uma dupla conexão entre as perspectivas metodológicas individualistas (racionalidade instrumental, mercado de trabalho, rendimento, carreira, mobilidade social) e as holísticas (família, instituições, organizações, redes migratórias, normas).

Seguindo esse modelo, os cruzamentos possíveis entre áreas

interdisciplinar auxiliariam melhor o entendimento dos movimentos migratórios. Parece importante, no entanto, manter presente a importância de uma leitura cruzada: migração como fenômeno social local e global e temas cuja complexidade não pode ser esgotada por nenhum olhar disciplinar isolado e a sociologia, esmiuçando o fenômeno. O primeiro grande conjunto de teorias sobre migrações reúne as que podemos designar por micro sociológicas, estas apresentam como ponto comum, o privilégio analítico concedido ao papel do agente individual. Por outras palavras, por mais que sejam as condicionantes externas à sua decisão destas jovens, ou seja, um contexto econômico ou do contexto social de ação, é a racionalidade individual destas jovens que, no seu limite, promove a decisão de mobilidade delas. Já as teorias migratórias sobre a macro sociológica distinguem-se essencialmente desta última, por privilegiar a ação de fatores de tipo coletivo, ou estruturais, que condicionam, sob formas diversas, as decisões migratórias dos agentes sociais, ou seja, todo o contexto acima descrito cuidadosamente nos ajuda a explicar o funcionamento das relações e como o impulso dessas jovens a migrar acontece. As zonas de confluência entre as visões micro e macro são múltiplas e as distinções não são absolutas, exemplos como a família e as instituições revelam bem a moldura coletiva em que se processam as estratégias individuais. As idéias dentro das teorias sociológicas têm distinguido em diferentes correntes onde o antagonismo teórico entre social e individual conflitam-se constantemente. Como, por exemplo, as teorias estrutural funcionalista, sobretudo a durkheimiana, assim como as teorias marxistas e neo-marxistas se afirmaram pela defesa da atuação de forças sociais estruturadoras da ação individual. Ou em contrapartida, os pensamento bourdieusianos sobre o *habitus* e escolha sociais articulando indivíduos a estruturas estruturantes.

O que se defende, neste caso, é que as jovens imigrantes não atuam isoladamente, nem no ato de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Elas estão inseridas em redes de fluxos conterrâneos modernos. Para tal, é necessário que haja uma informação mesmo que implícita de que o que está lá fora é melhor do que o que elas vivem aqui, posteriormente as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva delas (PORTES e BÖRÖCZ, 1989).

Redes construídas pelo movimento e contato de pessoas através do espaço estão no centro de microestruturas que sustentam a migração ao longo do tempo. Mais do que cálculos individuais de ganho, é a inserção das pessoas nestas redes que ajuda a explicar propensões diferenciais à migração e o caráter duradouro dos fluxos migratórios (PORTES e BÖRÖCZ, 1989 p. 23).

Os processos migratórios possuem fatores associados à área de origem,

no caso a cidade de Fortaleza, fatores associados à área de destino, obstáculos intervenientes e fatores pessoais. As deslocações envolvem um investimento das agentes no seu próprio potencial produtivo que é o uso do corpo e da beleza, cujos resultados só podem ser atingidos à longo prazo. Em outras palavras, as imigrantes deste estudo apostam na única capacidade que elas possuem para gerarem maiores rendimentos no futuro. Para o fim desejado, elas investem o transporte para irem à praia, o dinheiro pago para tirar o passaporte, os biquínis e as roupas que elas usam na praia até o uso do corpo, utilizando melhor as suas qualificações. De forma mais pragmática, o cálculo econômico pode tanto se realizar ao nível indivíduo - uso pessoal pela jovem - como a nível familiar, pois, a grande maioria das entrevistadas pensa em ajudar a família quando conseguirem melhorar de vida.

Na perspectiva do capital humano, a análise migratória é também realizada com um mapa de custos e benefícios, embora, neste caso, diferidos no tempo. A migração pode ser tratada como um investimento que aumenta a produtividade dos recursos humanos, um investimento que possui custos, mas que também envolve retornos (SJAASTAD, 1992). Os custos de investimento como: custos de adaptação e benefícios ou como a aquisição de capital cultural (por escolarização, formação e experiência profissional) favorece as possibilidades de mudança posterior tornarem-se donas de casa com dinheiro e/ou ter de tudo dentro de casa em consequência da migração.

Resumidamente, migrar é uma alternativa para alcançar a mobilidade social percebida por essas jovens. Existem diferentes tipos de fluxos migratórios em Fortaleza, cujo papel principal é mobilidade social dos migrantes, porém esta pesquisa consistiu essencialmente em analisar a nova corrente migratória do grupo de jovens da Praia do Futuro em Fortaleza. Contemplando todo processo de conquista e analisando as formas manutenção e de reformulação deste fenômeno no contexto social envolvido.

## METODOLOGIA

Esta investigação tem um caráter qualitativo. Para compreender o *habitus* (BOURDIEU, 2008) das jovens entrevistadas, foi necessário analisar sua trajetória individual, concomitantemente, a história do ambiente em que viviam.

Este jogo capaz de orientar o indivíduo em suas estratégias individuais no interior de estruturas, que se define o *habitus* como uma estrutura estruturada, a qual conduz escolhas ao longo da vida dessas jovens. A análise do *habitus* das jovens na beira da praia em Fortaleza foi de grande valia, na medida em que propomos tratar as práticas exercidas por elas como um *modus operandi*: a maneira



como o indivíduo age, executa suas ações seguindo regras intrínsecas a ele próprio e como são geradas e reproduzidas práticas que compõem a vida social (BOURDIEU, 2008).

Sendo assim, para desenvolver uma análise hermenêutica sobre o caso, usou-se como método a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2000). Foram realizadas três etapas: a pré-análise, quando organizamos o material a ser analisado; a exploração desse material, momento em que se administraram as decisões tomadas - consistiu essencialmente, em codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas; e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, quando os resultados brutos começam a falar, tornando-se significativos e válidos. Através desses resultados, fizemos inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que se relacionem com outras descobertas inesperadas.

O modus operandi das práticas patriarcais foram se constituindo ao longo das narrativas de vidas dessas jovens, as quais atingimos nas entrevistas semi-estruturadas com temas sobre a infância, a família, escolaridade, independência, gosto, casamento e perspectiva sobre o futuro.

## PERFIL DAS JOVENS

As jovens, no grupo pesquisado, eram jovens entre 18 e 26 anos, a grande maioria nascida na cidade de Fortaleza, em bairros de periferia, à maioria nas proximidades da Praia do Futuro.

Morenas, mulatas, pouquíssimas eram brancas. Solteiras (nunca casaram oficialmente) moravam sozinhas ou como uma amiga de trabalho/ sustentadas pelos namorados, não tem filhos.

A maioria delas não terminou o segundo grau e como uma das entrevistadas afirma: "Ah, estudar é muito chato, não sirvo pra isso". A educação para elas, assim, como para muitos jovens da periferia brasileira, é percebida como uma obrigação árdua que não iria resultar em lugar nenhum, pois a educação pública no Brasil é desestimulante e serve com base de apoio para sustentar o fracasso, não somente na vida acadêmica, mas nela como um todo (FREITAS, 2009).

## A INVESTIGAÇÃO

A particularidade nas relações entre as jovens e os estrangeiros na Praia do Futuro em Fortaleza, nos motivou a ver e a tentar entender o cotidiano daquelas garotas, as quais freqüentavam diariamente a mesma praia no mesmo local. As

primeiras observações chamaram atenção pelo fato dessas garotas, serem jovens muito bonitas, bem tratadas, confundindo-se a primeira vista com as jovens normais que freqüentavam o local.

As observações foram realizadas durante dois meses em uma das praias mais procuradas com destino turístico em Fortaleza: a Praia do Futuro. Uma específica barraca de praia foi selecionada para tais observações, o critério de seleção deu-se pelo fato de haver a maior concentração de turistas estrangeiros e, conseqüentemente, uma maior concentração dessas jovens.

Com a finalidade de realizar uma análise comportamental e entender o fenômeno em suas menores peculiaridades foi estabelecido o primeiro contato com o dono da barraca que era holandês. Como ele gerenciava a barraca, estava ali todos os dias, conhecia bem as jovens que freqüentavam o local. Ele foi o primeiro informante que tivemos para ter certeza que aquelas jovens realmente não se tratavam simplesmente de jovens em busca de sol e praia. Ele apontava cada uma delas, dizia seu nome, sabia da história de vida e achava normal o que elas faziam. A presença delas ajudava a trazer os clientes, pois ter uma barraca de praia cheia de mulheres jovens e atraentes fazia com que os estrangeiros também voltassem no dia seguinte.

Posteriormente, foram entrevistadas 20 jovens, selecionadas pela assiduidade que freqüentavam a praia, estabelecendo contacto com os estrangeiros. Dentre as freqüentadoras assíduas, selecionamos aleatoriamente as que se disponibilizavam a responder às entrevistas semi-estruturadas. Esta etapa foi um pouco complicada, pois a aproximação delas era algo difícil, visto que, não se podia em nenhum momento deixar transparecer aos outros a volta o que elas faziam, afinal, elas estava tentando se camuflar de todas as formas.

Na segunda etapa da pesquisa acompanhamos os locais freqüentados por elas fora da praia: bares, clubes, restaurantes, os quais eram elas consideravam como preferidos. Eram preferidos por dois motivos: por serem freqüentados por pessoas normais da cidade, onde elas tentavam se diluir no meio com uma estratégia de conseguir se passar por uma jovem normal, e por ser freqüentado por estrangeiros a procura da boemia local. A camuflagem só era possível, pois os estereótipos que temos com relação às meninas da vida são muitas vezes, signos que os estrangeiros desconhecem, sendo difícil classificá-las como prostitutas. Todas as estratégias usadas pelas prostitutas convencionais (de rua, esquinas e praças) são abandonadas por essas jovens. Um nova disposição se forma: elas tentam se passar por jovens comuns numa performance de gestos, vestuário, olhares. O objetivo delas não é o pagamento em dinheiro, mas a sorte de encontrar um gringo que se apaixone e a leve consigo. Desta forma elas vão todos os dias à praia até conseguirem alcançar este objetivo.

As prostitutas convencionais de rua, de bordeis também têm o sonho de encontrar o príncipe encantado, porém, é quase impossível, visto que elas expõem-se e carregam consigo o estigma da puta, mulher não digna de casar. Entretanto, o que diferencia as jovens deste estudo é fato delas perceberem o mau-estigma de ser puta e camuflar-se, passando-se por jovens solteiras normais à tomar sol em um ambiente onde há cada vez mais estrangeiros recém chegados no Brasil, os quais nada sabem sobre o passado delas. As constantes idas as praias têm um intuito: encontrar alguém que lhes tire da situação em que se encontram.

Entretanto, é importante salientar que não ter capital cultural privilegiado queira dizer que toda e qualquer garota pobre da cidade de Fortaleza, faça o mesmo, o que não é verdade. Milhares de jovens de Fortaleza não têm nada: capital econômico, social e cultural e continuam na favela ou nos bairros de periferia sem nem um intuito de mudar, porém nos focamos em estudar as estratégias de fuga dessas jovens da praia.

Vários dados estatísticos do IBGE<sup>2</sup>, no INE<sup>3</sup> e outros institutos de diversos países, foram analisados e comparados com o intuito de fundamentar este estudo. Porém, depois de serem analisadas algumas tabelas sobre casamentos e migração, constatou-se que não ser possível separar as jovens referidas nesse estudo e todas as outras que estão no bolo estatístico. O que é relevante para essa pesquisa, não é a quantidade, mas sim, a caracterização deste fenômeno e perceber as mínimas fissuras dentro desta atividade, levando em consideração contexto externos interligados a prática dessas jovens.

## A PROSTITUIÇÃO DO AMOR

Elas chegam à praia pela parte da manhã, normalmente acompanhadas por uma amiga, dão uma volta pela área, para ver quem está solteiro e que as olha com interesse. Depois de escolher a presa, elas se sentam em uma mesa bem próxima: a posição é quase que militar, é estratégica, para que eles possam vê-las, e para que eles possam trocar olhares. Tudo acontece muito rápido, menos de uma hora sentada nesse ponto, o homem aproxima-se, senão elas o fazem de uma forma mais sutil. Acontece então um ritual de conquista e sedução que é mais rápido que o movimento da sombra projetada no chão da praia. Depois de poucas horas, eles já estão aos beijos. Passam o resto da tarde e vão embora juntos. Por garantia, elas levam à praia pasta de dente, escova e outros itens necessários para passar a noite fora de casa. “quem sabe dá certo...nunca se sabe...a gente tem que andar preparada.” afirma uma das jovens observada por alguns dias, mostrando sua bolsa com todos esse objetos de higiene pessoal dentro.

No dia seguinte, as jovens chegam com os seus respectivos gringos e passam o dia inteiro na barraca de praia. A partir do momento em que ganham um pouco de confiança deles, elas começam a pedir tudo o que desejam. Um detalhe importante é que nessa praia existe um comércio de vendedores ambulantes a vender de tudo: roupas, biquínis, artesanatos, lagosta, camarão, além de serviços como manicure e massagem. Eles pagam. Elas usam. Contudo, simultaneamente, eles usam-nas através do sexo. Um mutualismo que é difícil estabelecer vítimas e culpados. Ambos são exploradores e explorados: elas dos recursos materiais, em busca do status emprestado de pela primeira vez na vida serem tratadas com dignidade, como por exemplo, serem atendidas pelas vendedoras sem desprezo, o que de fato já sentiram muitas vezes por serem pobres. Eles, por sua vez, exploradores do corpo, alimentados pelo fetiche do tropicalismo brasileiro.

Nas observações constatou-se o fato dessas garotas, na maioria das vezes, passar uma até duas semanas com o mesmo gringo, à medida que a semana passa, podia-se perceber a evolução progressiva no visual - mudanças promovidas pelos presentes que elas recebiam dos seus companheiros. Sandálias, bolsa, biquínis, idas ao cabeleireiro, acessórios de todos os tipos. Além disso, na praia, essas garotas tinham tratamento de primeira-dama, podiam pedir o que quisessem para beber e comer, certas comidas que elas nunca tiveram a oportunidade de comer pelo fato de serem muito caras e não fazerem parte de *habitus precarium*<sup>4</sup> (SOUZA, 2003) onde vivem. Em troca desse luxo, as jovens oferecem o corpo, não só pelas práticas sexuais, assim como pela companhia, além de emprestarem a esses estrangeiros o *status* de estarem com uma típica mulher brasileira.

## RESULTADOS

O resultado central observado neste estudo deve-se ao disfarce social usado por essas garotas para dissimular a exploração e o leilão do próprio corpo. Elas criam uma falsa imagem de serem namoradas desses homens. Muitas delas se apresentam como tal, e até mesmo os chamam de meu amor, para dar um ar de mais proximidade entre eles. Esse disfarce dissimula o que elas são e fazem na verdade, ora por hipocrisia, ora para amenizam a realidade da vida precária que têm. Desta forma, há o que chamamos aqui de prostituição do amor, o qual é usado como forma legitimadora de todo o jogo de sedução e uso do corpo para um fim. É como se o amor justificasse tudo. Logo, elas projetam a realidade em um plano emocional totalmente fantasioso no qual encontram o príncipe encantado, casam e serão felizes e ricas para sempre.

A realidade é que as jovens namoradinhas assim como as prostitutas convencionais da Beira Mar<sup>5</sup> em Fortaleza necessitam do corpo para conseguirem

o que querem. No entanto, o que distingue essas jovens das prostitutas convencionais é a disposição e organização do tempo na perspectiva da construção de um futuro diferente; além do fato delas construírem esta ilusão de estarem se envolvendo afetivamente e muitas vezes estão tão envolvidas na mentira que elas próprias criaram, que não são capazes de diferenciar a realidade da fantasia. Por fim, elas acabam acreditando que não são prostitutas, de que não usam do seu corpo para conseguir esses bens. No imaginário criado por elas, o que pode ser percebido nos discursos das entrevistas realizadas, quando se definem como garotas comuns que têm a sorte de encontrar um estrangeiro que se apaixona e por isso lhes dão tantos presentes.

Outro ponto peculiar do estudo é o fato delas esconderem da família o que fazem. Elas não trabalham oficialmente como prostitutas, por isso mentem ou omitem à família que freqüentam a praia todos os dias. Isso foi percebido nas observações e conversas dentro do banheiro da barraca de praia, onde elas vestem o biquíni quando chegam à praia e muitas vezes trocam de roupa antes voltarem para casa. Além de contradições durante as entrevistas e observações, o desconhecimento da família sobre o que elas fazem torna-se evidente.

Outro fato relevante é que todas as entrevistadas tinham o passaporte pronto, mesmo que nunca tivessem saído do país. Em um dia de observação, foi possível ver uma jovem a desfilar entorno da barraca com seu passaporte pendurado no biquíni, como dizendo eu já estou pronta para ir. Algumas delas já tinham viajado e até já tinham morado pelo menos três meses no exterior (tempo limite para permanece num país estrangeiro sem visto, ou como turista).

Como essas jovens não sabem falar inglês ou qualquer outra língua, a procura maior delas são os italianos e os espanhóis, pela proximidade da língua e pela descontração dos mesmos. Os Portugueses não são um grupo foco por dois motivos que podem ser causais entre si: eles percebem bem a língua e que aquele tipo de mulher é muito fácil, portanto, a camuflagem não é possível e conseqüentemente estão dispostos a somente pagar, usá-las, como qualquer prostituta de calçada. Elas, que já aprenderam isso fogem dos portugueses. Quando perguntamos qual a nacionalidade que elas menos gostavam elas disseram: os italianos de Napoli, pois "eles são muito arrogantes". Os portugueses também são citados, pois "eles nos usam como um objeto e pronto..." diz uma das entrevistadas. A nacionalidade que elas mais gostam são os italianos, os noruegueses e os holandeses "são simpático, tratam a gente bem, pagam tudo, dão tudo que a gente pede". E estes são os mais "fáceis de manipular" como afirma outra entrevistada. A comunicação é algo bem particular, elas tentam a todo custo falar com eles, seja por mímicas, gestos, desenhos, mas por fim a única conversa possível é a corporal. Aquelas que já estão na área à algum tempo, sabem algumas palavras em inglês e arriscam um italiano bem rudimentar. Eles não parecem muito preocupados

em entendê-las, demonstrando total interesse de estar com uma mulher linda, atraente, simpática e assim de tudo muda.

A questão sobre essa nova forma de prostituição, que designamos de prostituição do amor, exige uma reconstrução histórica prévia que permita perceber e separar a antiga classe trabalhadora/prostitutas da nova forma apresentada no capitalismo moderno. Essas jovens que não têm o seu lugar no mercado de trabalho formal, no novo modelo de capitalismo (BOLTANSKI, 2009), têm o seu não-lugar bem estabelecido: fora da prostituição que estamos acostumados a ouvir (cujo o lugar está muito bem definido dentro da economia mundial) e também fora dos trabalhos formais assalariados em empresas. Isto dar-se por diversos fatores formadores de exclusão: a baixa qualificação e escolarização delas e a necessidade de ocuparem tarefas domésticas desde muito novas; falta de postos de trabalho (ESTANQUE, 2004). Desta forma, o que seria classificado anteriormente como não lugar ou desemprego, ganha uma nova estratégia de sobrevivência: constituir-se um novo mercado do corpo, temporal, mas percebe-se o lucro, mesmo que esse lucro não seja imediato. O que diferencia essas jovens das prostitutas comuns é exatamente isso: a temporalidade do que fazem e acompanharem os estrangeiros sem receber um pagamento em dinheiro por isso, na esperança de que estes as vejam não como prostitutas, mas com jovens boas, sexys e obedientes, ou seja, perfeita para casar e migrar junto com eles para seus países de origem.

Esse grupo de jovens, são compostos de jovens entre 18 e 26 anos, bonitas, atraentes que buscam o príncipe encantado, que assim com o drama de Cabíria, prostituta do filme de Fellini que se deixa apaixonar pelos clientes, numa busca incessante pelo príncipe encantado, pelo amor. Para essas jovens a busca pelo príncipe, ultrapassa o romantismo mesmo que isso não seja afirmado de forma explícita no seu discurso. O príncipe para elas é aquele que tirar-lhes-á da miséria e proporcionar-lhes-á talvez a única forma de acender socialmente. Para tal, deixam de fora padrões de beleza e idade e buscam por aqueles que têm dinheiro independente de serem bonitos ou não, velhos ou até mesmo muito velhos.

O dinheiro é aqui um dom que aprisiona quem o recebe, onde elas ficam a dever algo em troca. Nenhuma dádiva é livre de dívida (MAUSS, 1974). Desta forma, o dom dinheiro de forma implícita alarga a desigualdade entre o sexo e mantém na conduta do oprimido e do opressor, violência simbólica e dominação masculina (BOURDIEU, 1999) sobre as mulheres. No caso estudado o amor disfarça a compra, incorporando a dominação e tornando essas práticas em formas tácitas de obrigação e benevolência. Há a total perda de autonomia das mulheres na relação, onde a afetividade e a dependência econômica se misturam, facilitando a ideologia da coisificação da mulher (HENCHOZ, 2008).

É importante ressaltar que, a dominação masculina não é uma problemática exclusiva da prostituição, mas ela está diluída em todas as camadas de nossa

sociedade, seja por formas mais explícitas como a violência doméstica, ou a institucional, a não participação política, desigualdade salarial entre os gêneros, etc, até falta de autonomia e o poder de decisão da mulher no meio familiar. Esta questão abrange tanto classes pobres como as mais abastadas.

Outro ponto importante demarcado nas análises dos dados foi o processo de construção da estratégia de fuga. Esta ação pragmática sobre a vida, a tomada de decisões, além do planejamento do futuro, são elementos novos na conduta dessa raça estrutural (SOUZA, 2006). A estratégia de fuga é algo construído ao longo do tempo pela linhagem feminina do meio onde vivem: uma amiga, uma irmã ou mesmo conhecida que já é casada com um estrangeiro é responsável por fazer a propaganda de como é viver em um país de primeiro mundo e tudo que se pode adquirir com esse casamento, desde estabilidade até artigos de luxo. Esse processo tornou a busca por um gringo quase que um concurso público que daria a estas jovens o que o Estado não lhe pode proporcionar: estabilidade de uma vida sem o medo constante da fome, da pobreza, que seus pais e elas sempre viveram.

Ao invés de estudar, algo que nunca esteve no *habitus precarium* (BOURDIEU, 2009) destas jovens, pois a família não possuía o capital cultural privilegiado, elas vão à caça, mas não é uma caça qualquer, pois elas já são profissionais e tutoras das novas que chegam, são caçadoras, pois já sabem exatamente onde encontrá-los, distingui-los e assim atacar. Muitas vezes, o tiro não é assim tão certo, mas lhe fornecer mais experiência, o que aumenta sua probabilidade de atingir o alvo: casar com um estrangeiro. A luta aqui não é mais pela pertença à classe mais abastada no Brasil, pois anos de história de dor e sofrimento ensinaram-nas que a inclusão social não iria acontecer em um processo de curto prazo.

Um dos primeiros indícios percebidos foi o contraste existente entre a casa delas - a falta de comida, dinheiro - e o outro extremo, a duas quadras onde elas moravam: a fartura de homens com dinheiro disposto a presenteá-las, escondida pelo meio físico, prédios e hotéis, e por meio simbólico, pois lugares desse tipo não são lugares para gente pobre. A diluição dessa barreira simbólica só foi possível, pela beleza e a sensualidade que abriam a porta para estas jovens, as quais sempre foram barradas em tudo na vida: educação, oportunidade profissional, dificuldade financeira, privação e consumo de bens como roupa, passeios, etc.

Pela primeira vez, junto a esses estrangeiros elas conseguem desfrutar o que era consumido nas novelas que elas tanto assistiam: desde comidas que nunca tiveram condição de comprar até objetos de luxo que passam a ser conhecidos no meio. A exploração é mútua, pois elas buscam alguém que as tirem do contexto de miséria onde cresceram e eles encontram nelas o estereótipo da mulher brasileira, bonita, sensual, dócil preparada para cuidar deles e da casa, ou seja, cumprir os papéis de mulher: passar, lavar, ter filhos. Enquanto, as européias lutam pela

igualdade de gênero e o empoderamento como está na Constituição do Milênio, o que essas jovens querem, em princípio, é a fuga do não ter<sup>6</sup>. Desta maneira, as tarefas domésticas não são encaradas como um problema, visto que elas as fazem desde pequena dentro da própria casa e/ou suas mães fazem como empregadas domésticas na casa de terceiros. A diferença está em elas exercerem essas tarefas na tão sonhada casa própria, no lar doce lar que elas tanto sonharam.

Baseada nos dados que coletados nas entrevistas e observações, podemos perceber que depois de encontrar, o amor, alguém que as sustentem, que lhes puxem do buraco onde vivem, percebeu-se que muitas primeiramente passam três meses no país do companheiro com o visto de turista (ou sem visto), retornam ao Brasil, ficam recebendo uma mesada dos namorados. Para conseguir dinheiro dos namorados elas usam diferentes estratégias como de que a família não tem dinheiro, ou que precisa de um remédio “para eles, isso aqui não é nada, eles estão pagando em euro mesmo” diz uma das jovens entrevistadas sentada na barraca de praia, enquanto mostra uma nota de 50 reais e ri com as amigas. Ela tem um namorado na Itália, disse que vai sempre lá, entretanto continua indo a praia em busca de outro estrangeiro, consumindo com o dinheiro que ele a envia.

Essa é outra contestação de que elas usam o dinheiro e continuam a ir à praia em busca de outro. “namorado, não é marido.” afirma uma das entrevistadas. Elas só deixam de ir à praia em busca de outro, quando se casam de papel passado e vão morar no país do cônjuge. “Não pode ser besta não...se não tiver tudo ali, de papel passado...não pode dar mole não”.

Os principais destinos que nos deparamos na pesquisa foram: Itália, Holanda, Noruega, uma pequena parcela para Espanha. A grande maioria, das que foram e voltaram e não conseguiram se casar, falam um italiano, misturado com português, além de voltarem com roupas de marca, cabelos tratados. Portanto, mesmo que não se casem elas conseguem juntar algum dinheiro, usufruir de um novo capital cultural que aprenderam com a convivência no país onde estiveram e continua a ir a praia até conseguir alcançar a meta.

As principais tendências nos movimentos migratórios apontam para uma aceleração das migrações, assim como uma feminização das migrações (GÓIS; MARQUE; PADILLA; PEIXOTO, 2009). Os autores argumentam que essa tendência é marcada pelo aumento dos movimentos da população, resultado da exclusão social e econômica do país de emigração ou a dissolução de estruturas econômicas sociais tradicionais gerando transformações econômicas e culturais nos países de acolhimento. O que tem sido elemento principal nas políticas migratórias é a ausência ou a refração do Estado no seu papel de inclusão dos indivíduos no mercado. Esse afastamento do Estado no cumprimento do papel social aumenta a polarização entre ricos e pobres tornando a migração uma válvula de escape da pressão sócio-econômica.



A vulnerabilidade destas mulheres é marcada por estarem em uma situação econômica precária, sendo este tema tratado por vários autores como Glendinning e Millar (1987) e por Heloísa Perista (1993). Dentro deste contexto sócio-econômico de feminização da pobreza, a prostituição torna-se quase que a única forma de tentar minimizar ou melhorar as condições de vida. Na grande maioria das vezes essa atividade é percebida como forma temporal pelas prostitutas, em um visão subjetiva de tentativa fracassada em transformar a sua condição sócio-estrutural em um problema individual que poderia ser mudado quando bem se entender.

Uma análise das estatísticas disponíveis, como foi mencionada anteriormente, não auxiliam nessa investigação, pois quando essas jovens saem do país, seja por três meses ou casadas de fato, diluem-se no total dos números estatísticos. Tornando difícil uma quantificação mais precisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, com tudo que foi exposto, é possível perceber que as normas no interior dessa rede social eram demasiadas obscuras. As interações e as trocas ancoram-se em princípios, muitas vezes, contraditórios entre si e geradores de novas expectativas de vida, tentativa de ascensão, obtenção de lucro, fomentadas por uma ilusão romântica na tentativa de negação da necessidade, da desigualdade e da dominação.

Uma espécie de trocas entre dom e dádiva onde a oportunidade de casar-se com um estrangeiro é o elemento chave de mudança e de interesse por parte dessas jovens. Enquanto que, para eles, ter achado a mulher desejada: sensual, dócil e obediente, para elas acharem uma mina de ouro que irá mudar sua vida. Um parasita o outro em uma interação que é ofuscada pelos papéis românticos da corte e do casamento. Os sentimentos de dever e de obrigação confrontam-se com a ascensão social e a afetividade. O falso envolvimento emocional disfarça a assimetria da troca do corpo por dinheiro. Desta forma, o dom/dinheiro coexiste com os interesses utilitários e com a carência afetiva das jovens.

A fantasia da igualdade por serem as namoradinhas destes homens obscurece as desigualdades sociais e sexuais presente nesta relação. Este conjunto paradoxal sustenta a diferenciação dessas jovens das prostitutas de rua/clube, pois estas últimas apenas prestam serviços sexuais em troca do pagamento, além de carregarem consigo o estigma de puta. Todavia, as jovens tratadas nesse estudo, usam do corpo para encontrar um namorado, ou melhor, um marido que lhes dêem de tudo, além da segurança de nunca mais regressar a vida de miséria e privações em que vivem.

Nesta pesquisa buscou-se apresentar esta nova, moderna sub-classe social, fruto de transformações recentes no sistema capitalista na qual está inserida. As mutações sofridas para a constituição deste novo grupo têm uma aplicação diferenciada dentro e fora do que era entendido como prostituição, tornando as relações muito mais obscuras e imperceptíveis num primeiro momento. As estratégias de sobrevivência articulada entre essas jovens e os estrangeiros nascem de dentro do próprio sistema, como uma necessidade do próprio sistema autopoietico<sup>7</sup> (LUHMANN, 1995). Desse sistema social, o qual se reproduz através dos seus próprios elementos e a manutenção deste, constitui novo subsistema no interior da sociedade, com relações e normas.

As trocas simbólicas, que nos referimos no decorrer do texto, são fruto da necessidade extrema dessas meninas, que pertencem originalmente à classe mais baixa da sociedade brasileira, classificada pelo sociólogo Jessé Souza (2003)<sup>8</sup> como a *ralé estrutural*. Uma classe não apenas desprovida de poder econômico, mas acima de tudo de capital cultural, caracterizada pela falta de acesso aos meios educacionais e a incapacidade psicoemocional de autocontrole sobre o próprio corpo, e uma completa inadaptação ao sistema de modernização.

Essas jovens conseguem se diferenciar da *ralé estrutural* que vieram por terem uma visão mais pragmática do mundo, o que lhes faz perceber a possível oportunidade de uma mobilidade social ou pelo menos uma participação em parte do capital cultural legítimo. Um processo de interação com uma classe média e alta que elas só agora têm a possibilidade de estabelecer, na qual a beleza abriu-lhes a porta da frente, onde antes elas só conseguiam entrar pelo fundo. Sendo assim, elas passam por uma mobilidade social, na qual podem estar entre a *ralé* e as classes médias ou até a possibilidade de alcançar a classe alta. Essa definição de classes é muito mais complexa do que apenas a análise da renda, deve-se, contudo, levar em consideração o estilo de vida e a visão prática de mundo.

Há a participação delas na economia, pois elas têm uma renda, a mesada dos namorados, a qual lhes proporciona consumir os bens e serviços valorizados, ou a consumir cada vez mais bens de consumo duráveis, os quais antes era exclusividade das classes médias e alta. A contradição com a realidade que viviam, tendo muitas vezes que sobreviver com menos de um real por dia, a saída encontrada por essas jovens a esse sistema de escassez, é a utilização do dom que elas têm: o próprio corpo. Muitas delas perceberam que não tinham nada em casa, nem mesmo o que comer, mas contrapondo-se a isso a fartura apresentada pelos estrangeiros que compram tudo e mais um pouco, com uma moeda que elas não entendem muito bem, mas sabem que vale muito. Esse conjunto gera ações pragmáticas de auto-controle e reflexão sobre o futuro. A necessidade é o primeiro passo à vida temporária da praia e a prostituição dos próprios sentimentos.

## NOTAS

\* Mestre em Sociologia pela Universidade de Coimbra, Portugal. Pesquisadora do CEPEDS - Centro de Pesquisa em Desigualdade da Universidade Federal de Juiz de Fora. e-mail: silva.emanuelle@gmx.com

<sup>1</sup>O *habitus* que orienta nossas ações, entretanto, seguindo as estratégias internas próprias à determinada sociedade. Basicamente, o *habitus* é basicamente, uma relação da capacidade de produção de práticas de classificados e a capacidade de se diferenciar e apreciar essas práticas e produtos ("o gosto") que representaram mundo social. (BOURDIEU, 2008).

<sup>2</sup>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>3</sup>Instituto Nacional de Estatística

<sup>4</sup>Nesse sentido, *habitus* precário pode se referir tanto a setores mais tradicionais da classe trabalhadora de países desenvolvidos e afluentes (Alemanha, por exemplo) incapazes de atender as novas demandas por contínua formação e flexibilidade da assim chamada sociedade do conhecimento a qual exige, atualmente, uma ativa acomodação aos novos imperativos econômicos, como à secular *ralé* rural e urbana brasileira.

<sup>5</sup>Principal rua da orla marítima onde estão localizados os hotéis de luxo de Fortaleza.

<sup>6</sup>No imaginário é um meio de fuga da escassez que sempre viveram em busca de um futuro melhor.

<sup>7</sup>Sistema autopoietico de Luhmann (2006), onde este conceitualista as organizações como sistemas sociais que reproduzem a si mesmos baseadas nos seus próprios elementos.

<sup>8</sup>Professor Dr. Jessé Souza, tem vários estudos na temática da desigualdade brasileira, em especial que uma sub-estrutura que ele designa como "a *ralé* brasileira".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BOLTANSKI, Chiapello. **O Novo Espírito Do Capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Cultural Reproduction and Social Reproduction. In.; Knowledge, **Education and Social Change**: Papers in the Sociology of Education, edited by R. Brown. Tavistock, UK: Tavistock Publications, 1973.

\_\_\_\_\_. **A Distinção**: Crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Senso Prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

- \_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Bertrand, 2007.
- MANITA, Oliveira. **Estudo de Caracterização da Prostituição de Rua no Porto e Matosinhos**. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2002
- ESTANQUE, Elísio. Análise de Classe e Desigualdade Sociais em Portugal: em defesa da perspectiva compreensiva. **Revista novos Estudos**. São Paulo, 2004.
- FREITAS, Lorena. **A instituição do Fracasso**. A educação da ralé. A ralé Brasileira: quem e como vivem. Editora UFMG, 2009.
- GLENDINNING, Cariline; MILLAR, Jane. **Women and poverty in Britain**. Brighton: Wheasheaf Book, 1987.
- GRAVONETTER, Mark S. Economic action and social structure: the problem of embeddedness, **American Journal of Sociology**, Vol. 91, Nº 3, 1985.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- GOIS, Pedro; MARQUES, José C; PADILLA, Beatriz; PEIXOTO, João. Segunda ou Terceira Vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal, **Revista Migrações**, 5, 2009.
- HENCHOZ, Caroline. **La construction conjugale des dimensions économiques de la relation amoureuse in Caroline Henchoz**, Le couple, l'amour et l'argent. Paris: L'Harmattan, 2008.
- LIBERATO, Isabel. **Sexo, ciência, poder e exclusão social**. Tolerância da prostituição em Portugal (1841-1926), Lisboa, Livros do Brasil, 2002.
- LOPES, Ana. **Trabalhadoras do sexo, uni-vos!**. Organização Laboral na Indústria do sexo. Lisboa. Dom Quixote, 2006.
- LUHMANN, Niklas. **Social systems**. Standford Universaty Press. 1995.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo : Edusp. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2 , 1974.
- PERISTA, Heloísa. **Older People in Europe**, National Report on Portugal, EC Observatory on Ageing and Older People, Commission of the European Communities, 1993.
- PINTO, José M Silva. **Violência e Prostituição**. Tese de Mestrado em Sociologia do Instituto superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1991.
- PORTES, Alejandro. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview, in A. Portes (Ed.), **The Economic Sociology of Immigration**. Essays on Networks. Ethnicity and Entrepreneurship, Nova Iorque, Russel Sage Foundation, 1995.
- PORTES, Alejandro; BÖRÖCZ, József. Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. **International Migration Review**, Vol. 28, Nº 3,

1989.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações**: Teorias Micro e Macro-Sociológicas Nº II, 2004.

SANTOS, Boaventura; GOMES, Conceição; DUARTE, Madalena; BAGANHA, Maria Ioannis. **Tráfico de Mulheres em Portugal para Fins de Exploração Sexual**. Lisboa. Artes Gráficas, 2008.

SJAASTAD, L. A. The costs and returns of human migration, **The Journal of Political Economy**, Vol. 70, Nº 5, Part 2 (Supplement), pp. 80-93, 1992.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania**: para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SOUZA, Jessé (Org.). **A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Artigo recebido para publicação em 10 de julho de 2012

